

# OS NOVOS DESAFIOS PARA A INDÚSTRIA MOVELEIRA NO BRASIL

Antonio Carlos de Vasconcelos Valença  
Leonardo de Moura Perdigão Pamplona  
Sabrina Weber Souto\*

---

\* Respectivamente, gerente setorial e estagiários de economia da Área de Setores Produtivos do BNDES.

INDÚSTRIA MOVELEIRA

## **Resumo**

**O** setor produtor de móveis no Brasil vem apresentando crescimento considerável nos últimos anos, sendo alvo da atenção de diversos segmentos da área governamental em virtude de suas possibilidades, tanto em termos de geração de divisas, possibilitando aumentos substanciais nos volumes exportados, como também de criação de novos empregos e de desconcentração regional.

A Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário (Abimóvel) vem realizando um trabalho intenso, com apoio do governo federal, através do Promóvel e do Fórum de Competitividade da Cadeia de Madeira e Móveis, onde grande parte dos problemas que afetam o setor vêm sendo abordadas. Algumas das questões que ainda necessitam de discussões mais aprofundadas referem-se, por exemplo, ao modelo de apoio financeiro à indústria versus, como ocorre em países desenvolvidos, o apoio financeiro ao consumidor final quando da compra ou reforma de imóveis.

Após análise e diagnóstico dos entraves à expansão da indústria moveleira, pode-se constatar que a maioria das estratégias de evolução e crescimento foi, ou está sendo, posta em prática, restando aguardar a confirmação de que o caminho planejado foi correto, produzindo os resultados esperados.

Algumas iniciativas, no entanto, não dependem simplesmente de recursos financeiros, legislação especial ou decisões de escritório, que certamente são as mais difíceis de serem implementadas, especialmente quando interferem em convicções pessoais e, em geral, dizem respeito às estruturas de comando das empresas. A alternativa de fusões e associações, que possibilitaria a configuração de empresas com porte suficiente para encarar os crescentes desafios do mundo globalizado, constitui uma das mais árduas tarefas a ser enfrentada.

**A** produção mundial de móveis está estimada no patamar de US\$ 200 bilhões. Nos países desenvolvidos a produção representa 79% do total mundial, sendo de 64% a parcela das sete maiores economias industriais: Estados Unidos, Itália, Japão, Alemanha, Canadá, França e Reino Unido.

A fatia restante de 21% corresponde à produção de móveis em países emergentes, sendo que três deles (China, México e Polônia) vêm apresentando rápido aumento na atividade moveleira, graças a investimentos recentes em novas plantas, especialmente projetadas e construídas para exportações.

O comércio mundial de móveis envolve cerca de 50 países, tendo registrado cerca de US\$ 55 bilhões em transações em 2000. Os maiores importadores são Estados Unidos, Alemanha, França, Reino Unido, Japão e Canadá, enquanto os maiores exportadores são Itália, Canadá, Alemanha, China, Estados Unidos, Polônia e França.

No período 1995/2000 houve expansão significativa nas importações por parte dos Estados Unidos e pequenos aumentos em vários países europeus, além do Canadá e do Japão. A Itália permanece no seu posto de maior exportador, participando com 20% do total exportado no mundo, sendo que o valor de suas vendas externas tem permanecido praticamente constante. Por outro lado, as exportações do Canadá e de cinco países emergentes – China, Polônia, Malásia, Indonésia e México – aumentaram substancialmente.

Em termos estruturais, o fato mais marcante ocorrido nos últimos cinco anos foi o aumento do grau de abertura – medido como a razão entre importação e consumo – dos diversos mercados. Tal avanço foi particularmente importante nos Estados Unidos.

**E**mbara os dados sejam antigos, visto que datam do último Censo Industrial do IBGE, realizado há 16 anos, ainda se afirma que a indústria brasileira de móveis é constituída por aproximadamente 13.500 micro, pequenas e médias empresas, que empregam cerca de 185 mil pessoas. A Abimóvel estima, no entanto, que, entre empresas formais e informais, existam atualmente no país

## **O Setor Produtor de Móveis no Mundo**

## **Estrutura da Indústria Moveleira no Brasil**

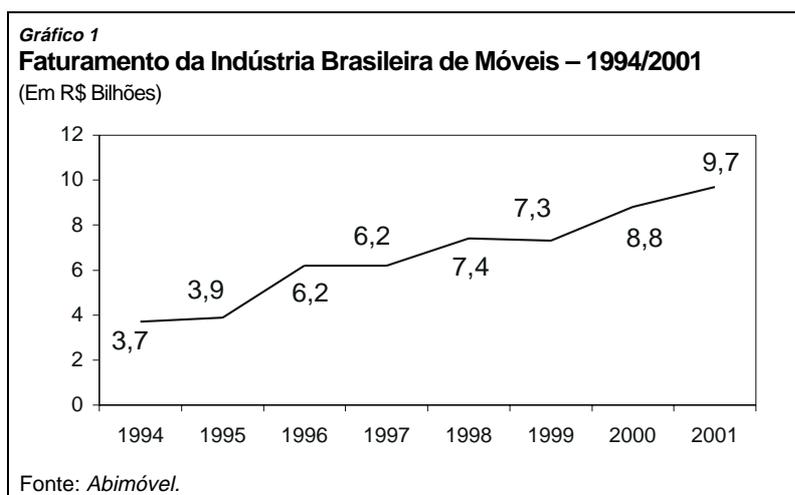
mais de 50 mil unidades produtoras de móveis. São empresas familiares tradicionais e, na grande maioria, de capital inteiramente nacional. Recentemente, em alguns segmentos específicos, como o de móveis para escritório, ocorreu a entrada de empresas estrangeiras.

Dentre os principais fatores positivos que têm marcado o desenvolvimento do setor de móveis na última década, podem ser destacadas a abertura da economia e a ampliação do mercado interno, que, juntamente com a redução da inflação e de seus custos indiretos, têm introduzido novos consumidores, antes excluídos do mercado. Além disso, o baixo custo da madeira reflorestada representa um fator competitivo importante.

Nos últimos anos, com o aumento havido nas exportações, a indústria aprimorou sua capacidade de produção e apurou significativamente a qualidade de seus produtos, sem que isso significasse aumento dos lucros na mesma proporção. A indústria está investindo atualmente em modernização da tecnologia e na adaptação do *design*, visando atender aos consumidores de países europeus, especialmente o Reino Unido, e dos Estados Unidos.

Em 1999, a política cambial vigente levou a uma contração na produção de móveis. Em 2000, com uma taxa de câmbio mais estável e uma recuperação econômica geral, o setor voltou a apresentar um bom crescimento. O Gráfico 1 apresenta a estimativa de faturamento realizada anualmente pela Abimóvel, em levantamento feito pelas associações regionais/locais.

As unidades industriais localizam-se, em sua maioria, na região centro-sul do Brasil, respondendo por 90% da produção nacional e 70% da mão-de-obra empregada pelo setor. Em alguns estados estão implantados pólos moveleiros consolidados e tradicio-



nais, como, por exemplo, os de Bento Gonçalves (Rio Grande do Sul), São Bento do Sul (Santa Catarina), Araongas (Paraná), Mirassol, Votuporanga e São Paulo (São Paulo), Ubá (Minas Gerais) e Linhares (Espírito Santo).

Além desses tradicionais pólos, existem alguns outros menores, em regiões próximas a eles, e também em outros estados, onde dezenas ou centenas de pequenas empresas estão constituídas, sem que essas regiões sejam caracterizadas formalmente como “pólos moveleiros”. A Tabela 1 mostra a distribuição dos pólos moveleiros por estado e as regiões onde existem concentrações de empresas produtoras de móveis que não são consideradas como pólos.

**Tabela 1**  
**Pólos Moveleiros Consolidados e Potenciais no Brasil**

<b>Paraná</b>	Araongas	<b>Espírito Santo</b>	Linhares
	Curitiba		Colatina
	Londrina		Vitória
	Cascavel	<b>Minas Gerais</b>	Ubá
	Francisco Beltrão		Bom Despacho
<b>Santa Catarina</b>	São Bento do Sul		Martinho Campos
	Rio Negrinho		Uberaba
	Coronel Freitas		Uberlândia
	Pinhalzinho	Governador Valadares <sup>a</sup>	
São Lourenço do Oeste	Vale do Jequitinhonha <sup>a</sup>		
<b>Rio Grande do Sul</b>	Bento Gonçalves	<b>São Paulo</b>	Carmo do Cajuru
	Caxias do Sul		Votuporanga
	Restinga Seca		Mirassol
	Santa Maria		São Paulo
	Erechim		Bálsamo
	Lagoa Vermelha	Jaci	
	Passo Fundo	Neves Paulista	
	Canela	<b>Rio de Janeiro</b>	Nova Iguaçu <sup>a</sup>
	Flores da Cunha		Duque de Caxias <sup>a</sup>
	Gramado		<b>Bahia</b>
<b>Amazonas</b>	Manaus <sup>a</sup>	<b>Pernambuco</b>	Recife <sup>a</sup>
<b>Maranhão</b>	Imperatriz <sup>a</sup>	<b>Ceará</b>	Fortaleza <sup>a</sup>

Fonte: *Movergs*.

<sup>a</sup>Não considerado como pólo moveleiro.

As chapas de madeira processada/reconstituída – aglomerado e *medium density fiberboard* (MDF) – são as matérias-primas mais utilizadas pela indústria de móveis. A madeira maciça também é bastante utilizada no Brasil, sendo que as madeiras provenientes

## Matérias-Primas

de mata nativa estão com sua utilização em rápido declínio. Em substituição, tábuas provenientes de plantios das espécies pínus e eucalipto vêm se firmando.

Estima-se que cerca de 60% da madeira maciça industrializada pela indústria moveleira já sejam provenientes de plantios. O uso da madeira de eucalipto para a fabricação de móveis vem se consolidando no Brasil, principalmente após a implantação da moderna serraria da Aracruz, sendo os segmentos produtores de camas e de salas de jantar os que mais a utilizam.

Os pólos moveleiros são os principais mercados consumidores de painéis de madeira aglomerada e de MDF, posto que mais de 90% do volume produzido dessas chapas destinam-se à fabricação de móveis. A maior parcela da produção nacional é absorvida diretamente pela indústria. Um volume menor é comercializado pelas revendas, juntamente com chapas de madeira compensada, e destina-se a empresas de menor porte e artesãos ou é usado para a execução de serviços domésticos, na confecção de armários e prateleiras. A Tabela 2 indica os atuais fornecedores de chapas de aglomerado e de MDF instalados no Brasil.

Toda a produção desses painéis é sustentada por florestas plantadas, sendo que as empresas Placas do Paraná, Tafisa e Berneck utilizam 100% de pínus na fabricação de painéis de aglomerado e/ou MDF, a Eucatex utiliza 100% de eucalipto e a Duratex e a Satipel combinam pínus e eucalipto em proporções variadas.

Em virtude do considerável aumento da oferta interna de madeira aglomerada e de chapas de MDF ocorrido nos últimos anos e que contou com apoio expressivo de financiamentos do BNDES, seu fornecimento já é considerado adequado pela indústria produtora de móveis, que não demonstra preocupação quanto ao seu suprimento em termos dos volumes ofertados.

*Tabela 2*

**Fabricantes de Painéis de Madeira Aglomerada e de MDF no Brasil**

EMPRESAS	AGLOMERADO	MDF
Berneck	Sim	Não
Duratex	Sim	Sim
Eucatex	Sim	Não
Masisa	Não	Sim
Placas do Paraná	Sim	Sim
Satipel	Sim	Não
Tafisa	Sim	Sim

Fonte: BNDES.

Em relação aos preços, verificou-se, nos últimos dois anos, uma queda para os painéis de aglomerado, resultado do aumento da concorrência devido ao expressivo aumento da oferta, esperando-se comportamento semelhante para os painéis de MDF, com a entrada de novas capacidades de produção a partir de 2003. Para a indústria moveleira isso representa aumento de competitividade e possibilidade de conquista de novos mercados. A Tabela 3 mostra a evolução da produção nacional de painéis de aglomerado e MDF.

Tabela 3

**Produção e Consumo de Painéis de Madeira Aglomerada e de MDF no Brasil – 1997/2001**

(Em Mil m<sup>3</sup>)

	1997	1998	1999	2000	2001	% a.a.
<b>Produção</b>	<b>1.254</b>	<b>1.480</b>	<b>1.857</b>	<b>2.143</b>	<b>2.442</b>	<b>18,1</b>
Aglomerado	1.224	1.313	1.500	1.762	1.833	10,6
MDF	30	167	357	381	609	112,3
<b>Consumo</b>	<b>1.438</b>	<b>1.506</b>	<b>1.824</b>	<b>2.151</b>	<b>2.500</b>	<b>14,8</b>
Aglomerado	1.295	1.322	1.473	1.762	1.871	9,6
MDF	143	184	351	389	629	44,8

Fonte: Abipa.

O *design* tem sido considerado o ponto mais vulnerável da indústria moveleira nacional, devendo ser aprimorado não só pelo fato de se pretender expandir as exportações, mas sobretudo em função de que uma parcela considerável do consumidor brasileiro, em termos de poder aquisitivo, é bastante exigente e está disposta a pagar preços razoavelmente maiores por produtos que considere elegantes, funcionais e resistentes.

A Abimóvel/Promóvel recentemente implantou “núcleos de desenvolvimento de *design*” em duas cidades (Curitiba e São Bento do Sul), mas sua pretensão é chegar, ao longo dos próximos anos, a um total de 30 núcleos. Em decorrência desse trabalho, 25 técnicos foram visitar, em 2001, a Escola de *Design* Politécnica de Milão. Para esse programa, 50% dos recursos provêm da Agência de Promoção de Exportações (Apex), 25% de empresas do setor moveleiro e 25% dos fornecedores de insumos. A maior dificuldade encontrada até agora reside na falta de estrutura de ensino superior vinculada à maioria das regiões onde os pólos moveleiros estão situados.

Com a recente introdução no mercado nacional das chapas de MDF, novas perspectivas se abrem para as atividades de criação, em virtude das características técnicas dessas chapas, que possibilitam o trabalho em relevo.

## **Design e Tecnologia**

## Padronização

Na área de normatização e certificação, o Brasil ainda se encontra defasado em relação aos países da Europa e da América do Norte. A ergonomia é o fator mais importante a ser trabalhado, ainda faltando pesquisas básicas que possam constituir referência para futuras normas, como, por exemplo, a finalização de estudos sobre o perfil ergonômico do brasileiro, trabalho que vem sendo feito em conjunto com a indústria de confecções.

A Abimóvel, juntamente com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), vem realizando, já há quatro anos, um trabalho de normatização para a indústria fabricante de móveis. Até o final de 2001, a ABNT já havia publicado 35 normas que afetam diretamente o setor, a maior parte referente a móveis para escritórios (Tabela 4).

Tabela 4

### Normas Publicadas pela ABNT para o Setor Moveleiro

ASSUNTO	QUANTIDADE
Móveis para Escritórios	13
Móveis Escolares	2
Ferragens e Acessórios para Móveis	11
Móveis para Cozinhas	2
Berços Infantis	1
Cadeiras Altas	1
Tratamento de Superfície em Móveis	1
Móveis (Geral)	2
Vidros e Tecidos para Móveis	2

Fonte: ABNT.

## Exportações Brasileiras de Móveis

As exportações brasileiras de móveis passaram de US\$ 40 milhões para US\$ 501 milhões entre 1990 e 2001, respectivamente. Apesar desse crescimento expressivo, tais valores absolutos não representam adequadamente o esforço exportador nacional, tendo em vista que os preços dos móveis exportados vêm caindo desde 1999 (Gráfico 2).

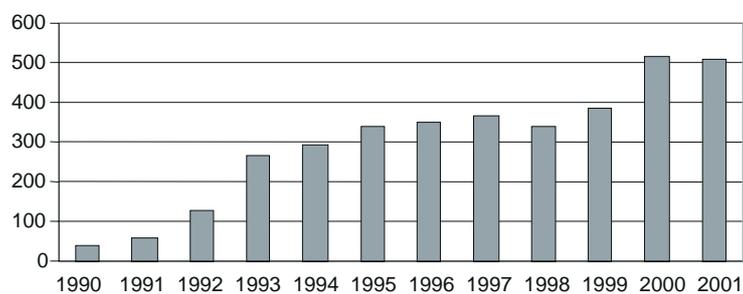
Os móveis de madeira respondem por cerca de 70% das exportações, enquanto assentos e cadeiras respondem por cerca de 7% e móveis de outros materiais, partes e outros tipos respondem pelo restante. Estados Unidos, Argentina, França, Reino Unido e Alemanha têm constituído os principais mercados externos da indústria de móveis brasileira, concentrando 70% dos valores exportados em 1999 e 2000 (Tabela 5).

A ausência de países do Leste Europeu é rapidamente percebida na pauta de exportações dos móveis brasileiros. Pos-

Gráfico 2

**Exportações Brasileiras de Móveis – 1990/2001**

(Em US\$ Milhões)



Fonte: Secex/Abimóvel/Movergs.

Tabela 5

**Destino das Exportações Brasileiras de Móveis – 1999 e 2000**

(Em US\$ Milhões)

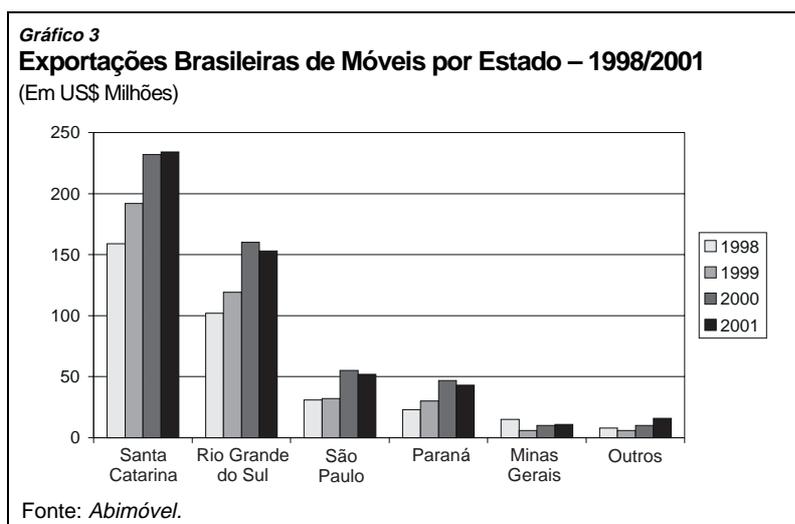
DESTINO	1999	2000
Estados Unidos	91	115
Argentina	49	79
França	57	70
Reino Unido	34	38
Alemanha	38	37
Países Baixos	30	33
Uruguai	24	28
Irlanda	3	10
Porto Rico	9	8
Portugal	1	6
Chile	3	6
México	2	5
Panamá	1	5
Paraguai	3	5
Bélgica	4	5
Suécia	5	4
Canadá	2	3
Espanha	2	3
Dinamarca	1	2
Suíça	1	2

Fonte: Abimóvel.

sibilidades de associação com empresas dos países da ex-Iugoslávia poderiam ser consideradas, em função de sua experiência com exportações para a antiga União Soviética, de sua proximidade, em termos de *design*, com a indústria italiana e, finalmente, em função da desagregação que sofreu a economia daqueles países após as guerras recentes, que deixaram a base produtiva local extremamente vulnerável, mas também receptiva a novos negócios.

Em 2001, com a retração do mercado argentino, segundo destino das exportações brasileiras de móveis, as indústrias produtoras se voltaram, ainda mais, para o mercado norte-americano. Esse aumento das exportações para os Estados Unidos é creditado ao trabalho realizado pelo Promóvel, que tomou aquele país e o Reino Unido como alvos principais de suas campanhas promocionais, com investimentos expressivos em feiras e delegações.

As vendas externas de móveis são originárias de empresas localizadas nos Estados de Santa Catarina, que respondeu por 47% das exportações registradas em 2001, e Rio Grande do Sul, com 30%. São Paulo, Paraná e Minas Gerais contribuíram, respectivamente, com 10%, 8% e 2% (Gráfico 3).



## Importações Brasileiras de Móveis

O valor desembolsado com a importação de móveis foi de cerca de US\$ 100 milhões em 2001 e vem diminuindo desde 1999, conforme mostrado na Tabela 6.

O Brasil já chegou a ter 30% do total de suas compras vindas do Mercosul, mas nos últimos anos vem diminuindo o consumo de móveis oriundos dos países daquele mercado (Gráfico 4).

Tabela 6

### Importações Brasileiras de Móveis – 1993/2001

(Em US\$ Milhões)

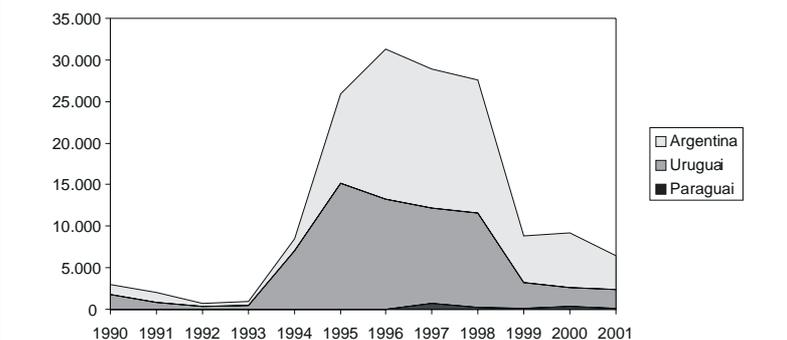
ANOS	VALOR DAS IMPORTAÇÕES
1993	26
1994	41
1995	86
1996	113
1997	172
1998	178
1999	135
2000	112
2001	104

Fonte: Secex/Abimóvel/Movergs.

Gráfico 4

### Importações Brasileiras de Móveis do Mercosul – 1990/2001

(Em US\$ Mil)



Fonte: Secex/Abimóvel.

O Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) em vigor para os produtos do setor é de 5%, o Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) varia entre 12% e 18%, conforme a unidade da Federação, e o Imposto de Importação (II) incidente sobre móveis é de 23%, sendo nulo para os países do Mercosul.

## Tributação/ Impostos

Nos últimos 10 anos, os desembolsos do BNDES para empresas atuantes no setor de móveis acumularam a cifra de US\$ 245 milhões, sendo cerca de 60% desse montante destinado a micro e pequenas empresas. Em relação à distribuição regional, os três estados da região Sul mais São Paulo e Minas Gerais, onde se

## Atuação do BNDES

concentra a produção, receberam, em conjunto, 91% do total desembolsado para o setor durante o período 1996/2001 (Tabela 7).

Desde o final de 2001, com vistas a estimular as exportações por parte de pequenas empresas fabricantes, o BNDES vem montando uma operação para repasse de recursos em conjunto com a Abimóvel, entidade que atuaria como intermediária dos agentes financeiros na canalização dos financiamentos.

Além dos financiamentos às empresas produtoras de móveis, deve ser destacado o apoio expressivo do BNDES à expansão e modernização tecnológica da indústria de painéis de madeira: entre 1997 e 2001, os desembolsos do Banco acumularam o montante de US\$ 250 milhões e permitiram a quase duplicação da produção nacional de painéis de madeira aglomerada e de MDF.

Assim, a indústria moveleira hoje pode contar com preços mais competitivos para a sua principal matéria-prima, além de uma diversidade de produtos que lhe confere a possibilidade de planejar móveis de melhor qualidade e resistência.

*Tabela 7*

**Desembolsos do BNDES para o Setor Moveleiro – 1992/2001**

(Em US\$ Mil)

REGIÃO	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Norte	8	466	83	371	115	73	76	0	0	684
Nordeste	350	29	535	2.315	1.013	3.256	1.584	1.050	846	382
Sudeste	1.692	1.412	5.495	6.963	5.915	15.210	22.414	4.801	9.365	6.284
Sul	3.279	3.987	11.044	17.502	19.514	34.281	23.817	6.702	11.128	15.569
Centro-Oeste	203	688	908	1.009	547	1.105	510	19	122	24
<b>Total</b>	<b>5.531</b>	<b>6.581</b>	<b>18.066</b>	<b>28.160</b>	<b>27.104</b>	<b>53.925</b>	<b>48.401</b>	<b>12.572</b>	<b>21.461</b>	<b>22.943</b>

Fonte: BNDES.

*Tabela 8*

**Desembolsos do BNDES para Apoio à Exportação de Móveis – 1997/2001**

(Em US\$ Mil)

PORTE DA EMPRESA	1997	1998	1999	2000	2001
Micro/Pequena	–	60	–	–	–
Média	–	–	1.131	6.092	4.199
Grande	1.000	4.788	976	2.000	1.768
<b>Total</b>	<b>1.000</b>	<b>4.848</b>	<b>2.107</b>	<b>8.092</b>	<b>5.967</b>

Fonte: BNDES.

## Perspectivas

**A**s perspectivas da economia mundial para 2002 não são otimistas. Com relação ao comércio de móveis, as opiniões são divergentes. Por um lado, há preocupações derivadas do fato de que o desaquecimento da economia em 2001/02 esteja centralizado nos Estados Unidos, mercado que tem sido a máquina propulsora do comércio moveleiro internacional nos últimos 10 anos.

Em contrapartida, a demanda por móveis importados pelo consumidor americano tem crescido por motivos que permanecem válidos no presente: a evolução do gosto na direção de projeto europeu moderno e, também, a capacidade especial de fornecedores estrangeiros em oferecer esses produtos a preços altamente competitivos. Interpretações mais criativas afirmam, também, que o consumidor americano, viajando menos, poderia dedicar mais tempo e dinheiro à sua própria residência, pois a troca de mobília é uma das opções mais evidentes.

Para o Brasil, a previsão de crescimento do setor, nos próximos cinco anos, é de taxas anuais na faixa de 10% a 12%, em função das possibilidades existentes tanto no mercado externo quanto no mercado interno.

## Conclusões

**O** setor moveleiro nacional é bastante competitivo, em razão da disponibilidade de matérias-primas e mão-de-obra e da experiência acumulada nos pólos existentes nas regiões Sul e Sudeste. No entanto, diversas fragilidades ainda persistem, em função do porte acanhado da imensa maioria das empresas, de sua timidez para enfrentar mercados mais desenvolvidos e da resignação, por parte das grandes empresas, em se tornarem simplesmente executoras de projetos e idéias importadas.

Todos os esforços que vêm sendo empreendidos pela Abimóvel e pelo governo federal, no âmbito do Promóvel, visando superar as limitações existentes, demonstram que as iniciativas têm sido acertadas, embora muito trabalho ainda reste a ser feito nas áreas financeira e organizacional das empresas de maior porte.

